

A Igreja Católica em tempos sombrios

The Catholic Church in gloomy times

Dermi Azevedo

*Pós-graduado em Ciência Política pela USP
Diretor do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no
Estado de São Paulo
dermiazevedo@ig.com.br*



Resumo

O autor analisa as ações da Igreja Católica durante o golpe de 1964. Com isso, evidenciam-se as articulações entre a Igreja e o Estado, que legitimaram as ações que se seguiram ao golpe de Estado. A partir de três modelos presentes no interior da Igreja - a igreja da cristandade, a igreja como sociedade perfeita e a igreja do povo de Deus -, o autor revela a maneira como as práticas religiosas se deslocaram do campo das elites para o campo dos marginalizados e destituídos. O presente artigo foi apresentado, originalmente, como conferência durante o Fórum 40 anos do golpe de Estado de 1964.

Palavras-chave: Igreja Católica, Regime militar, Tortura.

Abstract

The author analyzes the actions of the Catholic Church during the 1964 Coup. It is evident that the articulations between the Church and the State legitimated the actions following the Coup d'Etat. Based on the three existing models inside the Church - the church of Christianity, the church as perfect society, and the church of the people of God -, the author reveals how the religious practices have moved from the field of the elite to the field of outsiders and excluded. This article was first presented as a lecture during the Forum: 40 years of 1964 Coup d'Etat.

Key words: Catholic Church, military regime, torture.

Resumen

El autor analiza las acciones de la Iglesia Católica durante el golpe de 1964. Con ello, se evidencian las articulaciones entre la Iglesia y el Estado que legitimaron las acciones posteriores al golpe de Estado. A partir de tres modelos presentes en el interior de la Iglesia - la iglesia de la cristiandad, la iglesia como sociedad perfecta y la iglesia del pueblo de Dios-, el autor muestra el modo como las prácticas religiosas se desplazaron del campo de las élites para el campo de los marginados y destituídos. El presente artículo fue presentado, originalmente, como conferencia durante el "Fórum 40 años do golpe de Estado de 1964"

Palabras clave: Iglesia Católica, Régimen militar, tortura.

Em primeiro lugar, é preciso salientar que não estamos assim tão longe do período em questão neste fórum. Passados 40 anos, a realidade da ditadura ainda continua presente nos dias atuais, de um lado, pela permanência do autoritarismo nas relações sociais, da violência, e até mesmo do “esquecimento” e, de outro lado, através do esforço feito para tornar esse acontecimento algo que pertença a um passado remoto, sem vínculos com presente. É preciso destacar que lembrar é uma forma de resistir e até mesmo uma digressão de perdão, que está presente na memória.



Escolhi falar sobre as relações entre a Igreja e as crises vividas no âmbito do Estado no período de 1964 a 1985. Para que possamos compreender bem o tipo de relacionamento que existia entre a Igreja e o Estado, é importante ressaltar que há na Igreja Apostólica Romana, pelo menos três modelos de Igreja, que convergem entre si, embora um deles seja contraditório com os demais. Assim, podemos encontrar o modelo da Igreja da Cristandade que

prevaleceu durante séculos e ainda prevalece em alguns setores em que o poder público e o poder religioso se confundem; o modelo da Igreja como Sociedade Perfeita, que predominou durante o período da ditadura; e o modelo de Igreja do Povo de Deus, introduzido pelo Concílio do Vaticano II, que desempenhou, dentro do campo cristão católico, um importante papel na resistência à ditadura.

Há interação dialética entre esses modelos. Evidentemente, nenhum deles existe em estado puro; são tipos ideais, como lembraria Weber. No modelo da Igreja da Cristandade, há simbiose entre o poder político e o poder religioso: ambos defendem seus interesses e ambos estão volta-

dos para a manutenção da ordem autoritária. O modelo da Igreja como Sociedade Perfeita é um modelo mais martirizado, direcionado pela idéia de que se trata de uma sociedade sem falhas. Quaisquer imperfeições seriam da responsabilidade dos seres humanos que a integram. Em sua relação com o Estado, não se observa simbiose, mas colaboração. Analisando-se os documentos da época da ditadura militar, verifica-se que esse modelo prevaleceu em todas as tentativas de diálogo e conversação entre bispos e cardeais, lideranças da Igreja, com as autoridades autoritárias do regime militar.

Ora, dentro desse modelo de Igreja como uma sociedade perfeita prevalece a idéia de que ambos – Igreja e Estado – são sócios que compartilham o mesmo poder; um poder moral, um poder de persuasão diante da sociedade e um poder político do Estado. Já o modelo de Igreja do Povo de Deus é muito antigo: remonta ao período antes de Cristo, ao Antigo Testamento; modelo de origem judaica. Trata-se de um modelo que prefigura a idéia de democracia, participação, igualdade e que, portanto, ao ser consagrado pelo Concílio Vaticano II, no início dos Anos 60, serviu como referência para todos aqueles que agregam pessoas que, inspiradas nos ideais cristãos, resistiram à ditadura.

No Brasil, esses três modelos estão presentes em toda a história. Podemos mesmo dizer que a nossa história se confunde, também, com a história e com a presença da Igreja e do cristianismo em nosso país. Durante vários séculos prevaleceu o modelo de Igreja Cristandade; em seguida, coincidindo, de certa forma, com o período Republicano, o modelo da Igreja de Sociedade Perfeita e a partir dos Anos 60 passou a predominar o modelo da Igreja do Povo de Deus, que passou a coexistir com o modelo da Igreja de Sociedade Perfeita.

Passando diretamente ao período da ditadura, houve uma atitude inicial de hesitação da Igreja diante do regime auto-

craticamente estabelecido. Essa atitude de hesitação foi revelada, por exemplo, na tomada de posição da comissão central da CNBB da época, que aplaudiu o golpe militar, por considerá-lo uma barreira contra o comunismo. Naquele momento, observamos uma convergência de objetivos entre a cúpula da Igreja e a cúpula do poder militar, porque as duas forças estavam lutando contra um inimigo comum. Nessa medida, tanto o Estado autoritário quanto a Igreja visavam o mesmo objetivo, ou seja, conter o que consideravam o comunismo e conter o que eles consideravam, na época, uma transição para o regime socialista no país, que imitaria a Revolução Cubana.

As coisas começaram a mudar a partir do momento em que a repressão da ditadura voltou-se contra os homens e as mulheres ligados à Igreja, quer fossem bispos, padres, religiosos ou religiosas, quer fossem leigos. Assim, a partir desse momento, houve uma reação corporativista à investida contra a ação católica, contra a ação popular, de modo que, pouco a pouco, a Igreja foi transitando do campo das elites para o campo dos movimentos sociais.

Gostaria de apontar alguns elementos do funcionamento da repressão, principalmente daquela repressão que atingiu mais especificamente a Igreja. Como sabemos, o modelo ideológico da ditadura baseou-se na doutrina da Segurança Nacional. Segurança Nacional era entendida como dependência do Ocidente, dependência da chamada civilização ocidental cristã, e não soberania nacional, como nós a compreendemos. Isso implicava a criação e o aperfeiçoamento de mecanismos repressivos altamente sofisticados, que permitissem ao poder central impedir qualquer tentativa de soberania nacional, de autêntico nacionalismo, enfim, qualquer tentativa, qualquer esforço que consentisse ao país caminhar com seus próprios pés, seguindo sua autonomia, sua autodeterminação. O instrumento básico dessa repressão foi a tortura, base de todas as demais repressões.

Alguns estudiosos, ainda analisam a tortura como se fosse um fato isolado dentro do aparato repressivo, no entanto, nós sabemos que a tortura era uma política deliberada; uma política cientificamente planejada e voltada, principalmente, para paralisar os movimentos sociais, paralisar as organizações de direitos humanos e seus militantes. A tortura assumia todas as formas que se possam imaginar. Assim, ficamos admirados ao ver hoje George Bush protestando contra as torturas que os americanos vem praticando no Iraque. Nós ficamos admirados com o grau de hipocrisia adotado pelo presidente Bush, pois sabemos que, na verdade, a tortura foi ensinada por instrutores norte-americanos. Primeiramente, na Escola das Américas, que funcionava no território do Panamá e mais recentemente nos Estados Unidos quando essa escola foi transferida para a Califórnia.

Muitos oficiais brasileiros, das polícias civil e militar, participaram do treinamento na Escola das Américas e aí tiveram aula de sofisticação de tortura e, quem viveu essa experiência como eu e tantos outros, pode rememorar que sempre havia a figura do bem e a figura do mal, quer dizer o bonzinho e o mau. O bonzinho era aquele que, depois que você estava todo arrebitado, chegava a dizer: "Mas como é possível que fizeram isso com você? São pessoas que não são bem preparadas, mas nós vamos mudar isso". E depois ele cedia o lugar para o mau, que praticava todas as crueldades que se possa imaginar, inclusive, contra crianças. Posso dizer a vocês que era comum a prática de torturar crianças. Meu filho mais velho, na época, tinha dois anos e sofreu tudo o que nós, eu e a mãe dele, sofremos, naquela época, em 1974.

É importante também ressaltar o papel da imprensa nesse episódio de repressão. Muitos órgãos de imprensa que hoje se apresentam como liberais, na época do golpe, durante vinte e tantos anos de ditadura, comportavam-se como suportes do

regime. Eu trabalhava no jornal *Última Hora* com Samuel Weiner e lembro-me de que o jornal *Folha da Tarde* era uma espécie de porta voz da repressão da ditadura, inclusive antecipando em manchetes algumas notícias como, por exemplo, o caso de um companheiro que estava preso e cujo carcereiro veio mostrar-lhe a notícia da sua própria morte, dizendo: "Olha, você já está morto porque você foi manchete do jornal *Folha da Tarde*". Quer dizer, é um golpe antecipado e anunciado pela cumplicidade desses jornais e seus proprietários. Se, hoje em dia, é muito fácil ser liberal, não era fácil naquela época. Muitos que escrevem livros ou até coleções sobre a ditadura eram íntimos do SNI, e hoje posam para

O jornal Folha da Tarde era uma espécie de porta voz da repressão da ditadura

os incautos como grandes liberais, como grandes reformistas e até mesmo como progressistas; por isso é importante este resgate do passado.

Mas, voltando brevemente à questão da Igreja, eu gostaria de dizer que o grande movimento de mudança que aconteceu nesse processo é que a Igreja do Brasil passou, do meu ponto de vista, definitivamente para o campo

da sociedade civil e se incorporou a todos esses movimentos sociais que têm sido responsáveis pela conquista do espaço democrático de nosso país.

Retomando as grandes vias da minha fala: em primeiro lugar, gostaria de enfatizar e propor que vocês aprofundassem os estudos sobre esse tema, pois para saber como a Igreja se posiciona diante do Estado e da própria sociedade civil é importante compreender a auto-consciência da Igreja. Qual é o modelo que ela adota para si mesma e como é que ela se entende no conjunto da sociedade? Há um dilema muito grande e permanente ligado à questão da identidade eclesial: se ela é uma democracia, ou se não é uma democracia; se é uma monarquia.

Num segundo momento, apliquei alguns elementos muito característicos dos três modelos básicos da Igreja: da Cristandade, da Sociedade Perfeita e do Povo de Deus, à realidade brasileira daquela época. Assim, no momento em que os cardeais, por exemplo, se reuniam com os generais para falar do futuro do Brasil, podemos reconhecer o modelo da Sociedade Perfeita: uma Igreja não mais submetida ao Estado, não mais fundida ao Estado, mas uma Igreja associada ao Estado, uma Igreja do lado das elites.

É preciso chamar a atenção, contudo, para as transformações ligadas às várias mudanças estruturais, sociais, políticas, econômicas e culturais, que em seguida levaram a Igreja à transformação que a conduziu do campo das elites para o campo da sociedade civil, em que ela se encontra até hoje.